

RESENHA

CARVALHO, Olavo de. **Aristóteles em nova perspectiva: introdução à Teoria dos Quatro Discursos**. Campinas, SP: VIDE Editorial, 2013.

Gabriel Saldanha Lula de Medeiros

Licenciado em Geografia pela UFRN, especialização em Metodologia do Ensino de Geografia. Licenciando em História pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER).
E-mail: gabriellula96@hotmail.com

Escritor e filósofo brasileiro, Olavo de Carvalho tem quase 40 anos de carreira e dezenas de livros lançados no Brasil e no exterior. Está entre os escritores de filosofia mais vendidos do país, estando em destaque desde 2013 com o lançamento de uma coletânea de seus textos sob o título “O Mínimo Que Você Precisa Saber Para Não Ser Um Idiota”, que conta com mais de 600 páginas, 14 edições e mais de 150 mil exemplares vendidos em território brasileiro. Entre suas obras, destacam-se “A Nova Era e a Revolução Cultural” (1994), “O Jardim das Aflições” (1995), “A Filosofia e Seu Inverso” (2012) e “Visões de Descartes” (2013).

No livro “Aristóteles em nova perspectiva: introdução à Teoria dos Quatro Discursos” (2013), Olavo de Carvalho traz uma teoria cuja ideia, segundo ele, passou despercebida pelos estudiosos ao longo dos milênios desde a publicação dos pensamentos de Aristóteles.

Alguns escritos publicados neste livro já circulavam em forma de apostila desde 1992 aos alunos do curso de filosofia do professor Olavo de Carvalho, nunca tendo sido publicados para o grande público. Mas a ideia trazida por esta obra já é estudada desde 1987 por ele.

Carvalho defende que Aristóteles enxergava os discursos poético, retórico, dialético e lógico-analítico como sendo um único, constituído por princípios comuns. Segundo ele, desde muito tempo, a separação entre poética e lógica penetra na cultura geral, inclusive acadêmica, uma vez que na França de Luís XIV houve um decreto que separava os edifícios de “letras” e “ciências” na academia. E, desde então, a separação se acentuou.

A dicotomia entre estes dois discursos ficou tão arraigada, que estudiosos buscavam defender a hipótese de que o cérebro humano era dividido em dois hemisférios: um criativo e poético, outro racional e ordenador. Buscou-se não só a separação, como também a delimitação entre esses discursos e ciências.

Olavo de Carvalho, então, lança seus argumentos para defender que Aristóteles concebia essas quatro ciências como uma só, baseada em princípios coletivos. Para começar, ele diz que os volumes das obras aristotélicas organizados após a sua morte tendem a não colocar os escritos sobre poética e retórica juntos aos demais sobre as teorias do discurso. Além disso, a retórica nunca foi muito apreciada pelos filósofos, uma vez que era o principal instrumento dos sofistas, não recebendo muita importância por parte destes ao longo da história. Já a poética caiu em declínio, voltando a ter alguma expressão somente séculos depois.

O que se viu das teorias do discurso de Aristóteles durante muitos séculos, portanto, é um reflexo desses acontecimentos, que geram consequências ainda hoje. Constituiu-se uma imagem de Aristóteles com ênfase na dialética e na lógica, deixando de lado as outras duas teorias e promovendo uma visão separada acerca desses discursos, o que só foi se acentuando com o passar dos anos.

O autor ressalta que, durante o século XX, estudiosos exploraram a vida e a obra do filósofo grego, ajudando a desmistificar um pouco a sua imagem por muito tempo difundida somente em associação à dialética e à lógica, e buscando reclassificar os seus estudos entre as ciências introdutórias, teoréticas, práticas e técnicas, o que gera conflito e polêmica até hoje. Dentre estes estudiosos do século XX que deram início a esta “reformulação”, são citados Werner Jaeger, Eric Weil e David Ross.

Carvalho, então, traz a definição de “ciência dos discursos” tratada por Aristóteles em seus escritos: os quatro discursos são as maneiras pelas quais um homem pode influenciar a mente de outro. A poética tem o foco na imaginação, na imagem. A retórica, na vontade do homem por meio da persuasão, do convencimento. A dialética não sugere ou impõe uma crença, mas a testa, buscando seus erros e acertos a partir da racionalidade e análise de informações (é um método de investigação). Já a lógica-analítica é o meio de verificação das conclusões, não constituindo conhecimento por si só. Caso a demonstração do discurso analítico falhe na comprovação dos resultados obtidos por meio da dialética, então se volta a ela.

O autor, então, argumenta em defesa da sua ideia de uma ciência única, cerne da Teoria

dos Quatro Discursos da qual trata este livro. Para ele, estes quatro discursos/ciências estão postos em uma hierarquização que parte da imaginação e da possibilidade (poética) para a crença e o convencimento (retórica), em seguida para a investigação racional (dialética) e, por fim, a certificação da conclusão a que se chegou (lógica-analítica). Ele defende que estas ciências só têm diferenças de grau, e não de natureza. Em sua visão, estes quatro discursos são inseparáveis, não fazendo sentido se vistos isoladamente, a depender do uso que seja feito de cada um deles. O uso e o objetivo é que fazem dos discursos poético e retórico, dialético e lógico, e não eles por eles mesmos, isoladamente.

A esfera própria de cada uma dessas quatro ciências é, portanto, delimitada pela contiguidade da antecedente e da subsequente. Dispostas em círculos concêntricos, elas formam o mapeamento completo das comunicações entre os homens civilizados, a esfera do saber racional possível. (CARVALHO, 2013, p. 34).

Esta Teoria dos Quatro Discursos desenvolvida e defendida pelo filósofo brasileiro Olavo de Carvalho neste livro também é utilizada por ele para descrever a dinâmica do “mundo cultural” e seus discursos dominantes ao longo da história, que seguem justamente a mesma linha de sucessão em que se encontra a hierarquia dos discursos aristotélicos descrita por Carvalho. O autor conta que a poética surgiu com os primeiros oráculos, na Grécia Antiga. Este discurso é o molde para os textos dos Vedas e do Antigo Testamento. Era tido como uma manifestação sacerdotal que foi declinando no século VII a.C. devido à dissolução da religião grega tradicional, só voltando com certa força a partir do cristianismo e, posteriormente, no século XVI.

A retórica começa a ganhar espaço na Grécia antiga em virtude do caráter democrático desta, resistindo à dominação romana e disseminada pelos sofistas.

A dialética, por sua vez, teve início com Sócrates cinco séculos antes de Cristo, mas somente se popularizou cinco séculos depois de Cristo, persistindo por toda a Idade Média como discurso dominante. Mesmo a Igreja utilizou da dialética para justificar a doutrina cristã em desfavor dos “hereges”.

A partir do século XV, com o chamado “racionalismo clássico”, o discurso lógico-analítico passa a prevalecer, atingindo seu ápice no século passado com os avanços da física, da matemática e da informática.

Por outro lado, Carvalho deixa claro que a sobreposição de um discurso em relação a

outro não torna este obsoleto, pelo contrário: ele se reinventa e é utilizado para outros fins. A poética passa a ser canal para expressar sentimentos individuais. A retórica passa a ser menos usada em discursos políticos e tribunais, e mais em conversas privadas. A dialética passou a ser conservada no campo das ciências humanas, principalmente na história, enquanto as ciências da natureza avançam sobre a lógica-analítica. A dialética é reforçada por Marx e o seu materialismo, e isto é a origem da “rivalidade” entre os neopositivistas e os marxistas na academia durante o século XX.

A poética e a retórica, ao decorrer dos séculos, foram vistas pelos filósofos como algo marginal, à parte da “filosofia séria”. A retórica despertou, então, mais interesse entre os professores de gramática. A sobreposição dos regimes mais centralizadores às democracias desacelerou ainda mais o uso da retórica mesmo na política. A poética só volta com algum peso no fim da Idade Média, com o Renascimento e a crescente valorização das artes. Desta forma, a poética passou a ser vista mais pelo viés artístico do que filosófico. O Renascimento, por sua vez, inaugura a chamada “filosofia clássica”, logico-analítica, cartesiana.

Contraditoriamente, os filósofos tenderam a desconsiderar a poética como instrumento do saber por lhes dispensarem um caráter mais imaginário e menos intelectual, quando a teoria aristotélica do conhecimento considera que a origem do conhecimento está justo nas sensações e na imaginação. Ainda sobre este discurso, o autor faz um adendo: esta manifestação se voltou tanto para a expressão dos sentimentos individuais que praticamente não mantém mais nenhuma conexão com o mundo exterior ou o saber, sendo o que ele considera o fim de um ciclo. “É o ‘fechamento’ da poética em si mesmo.” (CARVALHO, 2013, p. 41).

Olavo de Carvalho assinala que as obras de Aristóteles serviram de base para inúmeras ideias do pensamento europeu por mais de dois mil anos, no campo da filosofia, da educação, das artes e vários outros. Para ele, Aristóteles e Platão são os pais da cultura europeia, e junto com o direito romano e a teologia judaico-cristã alicerçaram o pensamento e a cultura deste continente. Ele chama a atenção para a curiosidade de que dois filósofos da Grécia Antiga e os legados de duas grandes civilizações integram o bojo cultural de todo um continente.

Por fim, a Teoria dos Quatro Discursos desenvolvida pelo filósofo brasileiro neste livro é, sem dúvida, uma leitura inédita de toda a obra de Aristóteles. O autor defende que toda filosofia aristotélica é um sistema que compõe uma só unidade, e que isto estaria subentendido em todo o seu pensamento, considerando estranho que ainda não tivessem desenvolvido

nenhuma teoria a respeito antes.

A ideia da qual traz o livro, portanto, é inovadora, constituindo uma nova visão sobre toda a obra aristotélica, em especial as teorias dos discursos, estabelecendo conexões entre elas, a Teoria do Conhecimento e o desenrolar da história da cultura e da ciência ocidentais por meio de centenas de anos, buscando corroborar o pensamento do autor de que toda a obra aristotélica é, na verdade, um grande sistema unitário, sendo esta unidade o cerne de toda a sua produção filosófica que, segundo Olavo de Carvalho, passou despercebida por todos aqueles que estudaram a biografia e a obra do sábio da Grécia Antiga.

Este livro é recomendado, especialmente, para aqueles que nutrem interesse pela filosofia, história e pelas metodologias científicas, uma vez que abarca de forma pioneira o desenrolar dos discursos filosóficos desde antes de Cristo, fornecendo dados para se saber o caminho que as metodologias das ciências percorreram até o século XX, marcado pelo avanço da lógica-analítica e a rivalidade entre neopositivistas e marxistas no mundo acadêmico. Além disso, dedica um capítulo inteiro para entender os marcos das obras de Aristóteles no Ocidente desde as suas primeiras publicações até os dias de hoje.

